

## A LENDA DO VENTO

STEPHEN KING

# A LENDA DO VENTO

Tradução de  
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Este é para Robin Furth e toda a malta da Marvel Comics*

## PRÓLOGO

Muitas pessoas que pegam neste livro vêm seguindo há anos as aventuras de Roland e do seu grupo — o seu ka-tet —, algumas delas desde o início. Outras — e espero que sejam muitas, tanto Leitores Constantes como recém-chegados — podem perguntar: *Será que posso ler e gostar desta história se não li os outros livros da Torre Negra?* A minha resposta é sim, se tiverem algumas coisas em mente.

Primeiro, o Mundo Médio encontra-se junto do nosso e há muitas sobreposições. Em certos locais, há passagens entre os dois mundos e, por vezes, existem zonas ténues, zonas porosas, onde os dois mundos chegam até a misturar-se. Três elementos do ka-tet de Roland — Eddie, Susannah e Jake — foram arrancados separadamente às suas vidas problemáticas em Nova Iorque e trazidos para a demanda do Mundo Médio de Roland. O seu quarto companheiro de viagem, um billy-bumbler chamado Oy, é uma criatura de olhos dourados, nativa do Mundo Médio. O Mundo Médio é muito antigo e está em decadência, repleto de monstros e de magia duvidosa.

Em segundo lugar, Roland Deschain de Gilead é pistoleiro e faz parte de um pequeno grupo que tenta manter a ordem num mundo cada vez mais sem lei. Se o leitor pensar nos pistoleiros como sendo uma estranha combinação de cavaleiros errantes e xerifes regionais do Velho Oeste, andarás perto da verdade. A maior parte deles, embora não todos, descende da linhagem do velho Rei Branco, conhecido como o Ancião Artur (eu avisei que havia sobreposições).

Em terceiro lugar, Roland tem vivido sob a influência de uma maldição terrível. Matou a mãe, que tinha um caso — em larga medida, contra a sua vontade e seguramente contra o seu bom senso —

com um sujeito que irão conhecer nestas páginas. Embora tenha sido por engano, Roland considera-se responsável, e a infeliz morte de Gabrielle Deschain tem-no atormentado desde a juventude. Estes acontecimentos são narrados na íntegra no ciclo da Torre Negra, mas, para o efeito aqui desejado, julgo que é tudo o que precisam de saber.

Para os leitores de longa data, este livro deveria ocupar o seu lugar na estante entre *O Feiticeiro e o Cristal* e *Lobos de Calla...* o que faz dele, imagino eu, o Torre Negra 4.5.

No que me diz respeito, fiquei deliciado por saber que os meus velhos amigos tinham algo mais a dizer. Foi uma grande dádiva encontrá-los de novo, anos depois de ter pensado que as suas histórias estavam contadas.

STEPHEN KING

14 de setembro de 2011

A LENDA DO VENTO

SÉRIE TORRE NEGRA

TORMENTA-MOR

Nos dias que se seguiram à partida do Palácio Verde, que afinal não era Oz — mas que era agora o túmulo daquele sujeito desagradável que o ka-tet conhecera pelo nome de Homem do Tique-Taque —, o jovem Jake começou a distanciar-se cada vez mais na dianteira de Roland, Eddie e Susannah.

— Não ficas preocupado com ele? — perguntou Susannah a Roland. — Por aí, sozinho?

— Tem o Oy — disse Eddie, referindo-se ao billy-bumbler que adotara Jake como seu amigo especial. — O senhor Oy dá-se bem com tipos simpáticos, mas tem uma boca cheia de dentes afiados para os que não o são. Como aquele tal Gasher teve a infelicidade de descobrir.

— E o Jake também tem a arma do pai — disse Roland. — E sabe usá-la. Lá isso, sabe ele muito bem. E não se desviará do Caminho da Luz. — Apontou para cima com a mão mutilada.

O céu baixo estava na sua maior parte imóvel, mas havia um corredor de nuvens a deslocar-se compassadamente para sudeste. Em direção à terra do Trovão, se a nota que lhes fora deixada pelo homem que se autodesignava RF dizia a verdade.

Em direção à Torre Negra.

— Mas porquê... — começou Susannah, mas nessa altura a sua cadeira de rodas embateu numa lomba. Virou-se para Eddie. — Vê por onde me empurras, doçura.

— Desculpa — disse Eddie. — Ultimamente, as Obras Públicas não têm feito manutenção nenhuma neste troço da autoestrada. Devem estar com cortes orçamentais.

Não era uma autoestrada, mas *era* uma estrada... ou tinha sido: dois sulcos fantasmagóricos com ocasionais cabanas em ruínas a marcar o caminho. Nessa mesma manhã, tinham passado por uma loja abandonada com uma tabuleta que mal se lia: MERCADORIAS IMPORTADAS DE TOOK. Investigaram o interior em busca de provisões — nessa altura, Jake e Oy ainda estavam com eles —, mas só encontraram pó, teias de aranha velhas e o esqueleto daquilo que fora um mapache grande, um cão pequeno ou um billy-bumbler. Oy deu uma cheiradela rápida e fez chichi para cima dos ossos, antes de abandonar a loja para se ir sentar no alto ao centro da velha estrada, com aquela coisa torcida que lhe servia de cauda enrolada à sua volta. Olhou o caminho por onde tinham vindo, cheirando o ar.

Roland vira o bumbler fazer isto várias vezes nos últimos tempos e, embora nada tivesse dito, ficou a matutar no assunto. Alguém que os seguiria, talvez? Não acreditava realmente nisso, mas a postura do bumbler — focinho levantado, orelhas espetadas, cauda enrolada — evocava uma qualquer memória ou associação de ideias antiga que ele não conseguia captar bem.

— Porque é que o Jake quer estar sozinho? — perguntou Susannah.

— Achas que é motivo para preocupação, Susannah de Nova Iorque? — perguntou Roland.

— Sim, Roland de Gilead, acho que é motivo para *preocupação*. — O seu sorriso tinha muito de amável, mas nos seus olhos brilhava a velha luz perniciososa.

Era a Detta Walker que havia nela, considerou Roland. Nunca haveria de desaparecer por completo, e ele não tinha pena. Sem aquela mulher estranha que ela em tempos fora ainda enterrada no seu coração como uma lasca de gelo, seria apenas uma bela negra sem pernas abaixo dos joelhos. Com Detta a bordo, era uma pessoa com quem se contava. Uma pessoa perigosa. Uma pistoleira.

— Ele tem muita coisa em que pensar — disse Eddie baixinho. — Passou por muito. Não é qualquer rapaz que regressa dos mortos. E é como diz o Roland: se alguém tentar dominá-lo, habilita-se a arrepender-se. — Eddie parou de empurrar a cadeira de rodas, limpou o suor da testa com o braço e olhou para Roland. — Há alguém aqui, neste subúrbio de nenhures, Roland? Ou foram-se todos embora?

— Ah, desconfio que haja uns quantos.

Era mais do que desconfiar; tinham sido espiados em diversas ocasiões enquanto seguiam o seu percurso pelo Caminho da Luz. Certa vez por uma mulher assustada com os braços em redor de duas crianças e um bebé pendurado na faixa que trazia ao pescoço. Outra vez por um camponês velho, um semimutante com um tentáculo irrequieto que lhe pendia de um dos cantos da boca. Eddie e Susannah não tinham visto nenhuma destas pessoas, nem pressentido as outras que Roland tinha a certeza de que, a partir da segurança dos bosques e das ervas altas, assinalavam o progresso deles. Eddie e Susannah tinham muito a aprender.

Haviam contudo aprendido, aparentemente, pelo menos alguma coisa daquilo de que viriam a precisar, porque Eddie perguntou então:

— São esses que o Oy está sempre a cheirar atrás de nós?

— Não sei.

Roland pensou em acrescentar que estava convicto de que havia mais alguma coisa na estranha cabecinha de bumbler de Oy, mas decidiu não o fazer. O pistoleiro passara longos anos sem ka-tet, e guardar para si os seus próprios conselhos tornara-se um hábito. Um hábito que teria de quebrar, para que o tet se mantivesse forte. Mas não agora, não nessa manhã.

— Vamos continuar — disse ele. — Tenho a certeza de que encontraremos o Jake à nossa espera mais à frente.

## 2

Duas horas mais tarde, já perto do meio-dia, subiram a uma elevação e detiveram-se, olhando para um rio amplo e vagaroso lá em

baixo, cinzento como peltre sob um céu carregado. Na margem no-  
roeste — o lado deles —, havia uma construção que lembrava um  
celeiro, pintada de um verde tão vivo que parecia gritar ao dia mudo.  
A sua entrada sobressaía por cima da água, assente em estacas de um  
verde idêntico. Atracada a duas destas estacas por dois cabos gros-  
sos, estava uma jangada ampla, com quase trinta metros por trinta  
metros, pintada com riscas alternadas de vermelho e amarelo. Um  
poste alto em madeira semelhante a um mastro elevava-se ao centro,  
mas não havia sinal de vela. Viam-se várias cadeiras de verga dispo-  
stas diante do poste, de frente para a margem do rio onde eles se en-  
contravam. Jake estava sentado numa delas. A seu lado, encontrava-  
-se um velho com um grande chapéu de palha, calças largueironas  
verdes e botas altas. Usava na parte superior do corpo uma peça de  
roupa fina e branca — o tipo de camisa que Roland classificava co-  
mo slinkum. Jake e o velho pareciam estar a comer sandes bem re-  
cheadas. Roland ficou com água na boca ao vê-las.

Oy estava mais atrás, na beirinha da jangada com cores de circo,  
a olhar para baixo, absorto, para o seu próprio reflexo. Ou talvez para  
o reflexo do cabo de aço que corria por cima deles, ao longo do rio.

— É o Whye? — perguntou Susannah a Roland.

— É.

Eddie sorriu.

— *You say Whye; I say Whye Not?* — Levantou uma mão e ace-  
nou-a por cima da cabeça. — Jake! Eh, Jake! Oy!

Jake retribuiu o aceno e, embora o rio e a jangada atracada  
à margem se encontrassem ainda a quatrocentos metros de distância  
deles, todos tinham o olhar bem aguçado e viram o branco dos den-  
tes do rapaz quando ele sorriu.

Susannah pôs as mãos em concha à volta da boca.

— Oy! Oy! Anda cá, doçura! Anda ver a mamã!

Soltando uns ganidos estridentes, que eram a coisa mais próxima  
de latidos que ele conseguia emitir, Oy atravessou disparado a janga-  
da, desapareceu na estrutura que lembrava um celeiro e saiu do ou-  
tro lado. Lançou-se caminho acima de orelhas baixas sobre o crânio  
e olhos vivos, debruados a ouro.

— Mais devagar, fofinho, ainda tens um ataque cardíaco! — gritou Susannah a rir.

Oy pareceu interpretar aquilo como uma ordem para acelerar. Chegou à cadeira de rodas de Susannah em menos de dois minutos, saltou-lhe para o colo, tornou a saltar para o chão e olhou para eles cheio de alegria.

— Olan! Ed! Suze!

— Hile, senhor Throcken — disse Roland, usando a palavra antiga para bumbler, que vira pela primeira vez num livro que a mãe lhe tinha lido: *O Throcken e o Dragão*.

Oy ergueu a pata, molhou um pedaço de relva e depois virou-se para o caminho por onde eles tinham vindo, cheirando o ar, de olhos no horizonte.

— Porque é que ele está sempre a fazer aquilo, Roland? — perguntou Eddie.

— Não sei.

Mas *quase* sabia. Seria alguma história antiga? Não *O Throcken e o Dragão*, mas uma parecida? Roland achava que sim. Por um instante, pensou em olhos verdes, alerta no escuro, e foi perpassado por um pequeno arrepio — não propriamente de medo (embora pudesse ser, em parte), mas de lembrança. Depois sumiu-se.

*Se Deus quiser, há de haver água*, pensou ele, e só percebeu que falara em voz alta quando Eddie disse:

— O quê?

— Deixa lá — disse Roland. — Que tal irmos trocar dois dedos de conversa com o novo amigo do Jake? Talvez tenha uma ou duas sandes a mais.

Eddie, cansado daquela coisa que parecia borracha a que chamavam *burritos* de pistoleiro, animou-se logo.

— Caramba, vamos embora — disse, e olhou para um relógio imaginário no seu pulso bronzeado. — Valha-me Deus, agora é que vejo que são horas de morfar em ponto.

— Cala-te e empurra, bichinho — disse Susannah.

Eddie calou-se e empurrou.

## 3

O velho estava sentado quando entraram na casa dos barcos, e de pé quando reapareceram na margem do rio. Viu as armas que Roland e Eddie traziam — os grandes revólveres com coronhas de sândalo — e esbugalhou os olhos. Caiu sobre um joelho. O dia estava tranquilo e Roland ouviu efetivamente os ossos do homem a estalarem.

— Hile, pistoleiros — disse ele, e levou o punho inchado pela artrite ao centro da testa. — Eu vos saúdo.

— Levante-se, amigo — disse Roland, esperando que o velho fosse *mesmo* um amigo. Jake parecia achar que sim e Roland aprendera a confiar nos instintos dele. Já para não falar nos do billy-bumbler. — Levante-se, vá.

O velho estava com dificuldades em fazê-lo, pelo que Eddie deu um passo para a jangada e estendeu-lhe o braço.

— Obrigado, filho, obrigado. Também é pistoleiro, ou 'prendiz?

Eddie olhou para Roland. Roland nada deixou transparecer, de modo que Eddie tornou a olhar para o velho, encolheu os ombros e sorriu.

— Um bocadinho das duas coisas, acho eu. Sou Eddie Dean, de Nova Iorque. Esta é a minha mulher, Susannah. E este é Roland Deschain. De Gilead.

Os olhos do homem do rio abriram-se muito.

— De Gilead, é? Diz vossemecê que sim?

— De Gilead — concordou Roland, e sentiu uma tristeza invulgar subir-lhe do peito. O tempo era um rosto na água e, à semelhança do rio diante deles, a única coisa que fazia era correr.

— Subi para bordo, então. E sede bem-vindos. Este jovem e eu ficámos logo amigos, essa é que é essa. — Oy subiu para a grande jangada e o velho dobrou-se para fazer uma festa na cabeça erguida do bumbler. — E nós também, não foi, compincha? Inda te lembras do meu nome?

— Bix! — disse Oy prontamente, e depois tornou a virar-se para noroeste, erguendo o focinho. Os seus olhos de círculos dourados

fixaram absortos a coluna de nuvens deslizantes que assinalava o Caminho da Luz.

## 4

— Quereis c’mer? — perguntou-lhes Bix. — O que tenho é pobre e ruim, mas é o que há e tenho gosto em partilhá-lo.

— Sim, obrigada — disse Susannah. Olhou para o cabo que atravessava o rio na diagonal por cima das suas cabeças. — Isto é um *ferry*, não é?

— É — disse Jake. — O Bix contou-me que há gente do outro lado. Não muito perto, mas não muito longe. Ele acha que são trabalhadores dos arrozais, mas não vêm muito para estes lados.

Bix desceu da grande jangada e dirigiu-se à casa dos barcos. Eddie ficou à espera até ouvir o barulho do velhote a remexer em coisas, inclinou-se para Jake e disse em voz baixa:

— É bom tipo?

— É excelente — disse Jake. — É este o nosso caminho e ele fica contente por ter de fazer a travessia para alguém. Diz que há anos que não o faz.

— Aposto que não — concordou Eddie.

Bix reapareceu com uma cesta de vime, que Roland lhe tirou das mãos — de outra forma, o velhote podia ter caído à água. Não tardou que todos estivessem sentados nas cadeiras de verga, a mastigar sandes recheadas com um peixe qualquer cor-de-rosa. Estava bem temperado e era delicioso.

— Comei tudo o que quiserdes — disse Bix. — O rio está cheio de blénios e a maior parte é de boa raça. Os mutantes, torno a deitá-los à água. Uma vez, disseram-nos para atirmos os que não prestavam para terra, de maneira a não se reproduzirem, e foi o que eu fiz durante algum tempo, mas agora... — Encolheu os ombros. — Vive e deixa viver, é o que eu digo. Eu cá já vivi bastante, por isso, acho que *posso* dizê-lo.

— Que idade tem? — perguntou Jake.

— Fiz cento e vinte já há algum tempo, mas desde aí perdi-lhe a conta, aí isso perdi. O tempo é curto aqui deste lado da porta, se é que me entende.

*Aqui deste lado da porta.* Roland foi novamente apanhado por uma velha lembrança, mas que depois se sumiu.

— Estais a segui-las? — O velhote apontou para o grupo de nuvens que se arrastava pelo céu.

— Estamos.

— Para Callas, ou mais além?

— Mais além.

— Para as grandes trevas? — Bix parecia ao mesmo tempo inquieto e fascinado com a ideia.

— Seguimos o nosso caminho — disse Roland. — Quanto é que nos leva pela travessia do rio, ó barqueiro?

Bix riu-se. O som produzido era vigoroso e alegre.

— O dinheiro não serve para nada quando não há onde o gastar; não há gado e está bom de ver que tenho mais para comer do que vós. E podíeis sempre chegar e obrigar-me a fazer a travessia.

— Nunca — disse Susannah, com ar chocado.

— Eu sei — disse Bix, acenando-lhe. — Mas os saqueadores, sim, e depois, como se não bastasse, ainda me queimariam o barco quando chegassem ao outro lado, mas os verdadeiros homens da pistola, nunca. Nem as mulheres, imagino eu. Não parece armada, minha senhora, mas com as mulheres nunca se sabe.

Susannah esboçou um leve sorriso ao ouvir estas palavras e não abriu a boca.

Bix virou-se para Roland.

— Vindes de Lud, quer-me parecer. Eu ia sabendo notícias de Lud e de como as coisas por lá corriam. Pois era uma cidade maravilhosa, isso era. A desmoronar-se e a tornar-se estranha quando a conheci, mas ainda assim maravilhosa.

Os quatro trocaram um olhar que era todo ele um tet, aquela telepatia peculiar que partilhavam. Era também um olhar carregado de shume, o vocábulo antigo do Mundo Médio que pode significar «vergonha», mas também quer dizer «pena».

— O quê? — perguntou Bix. — O que disse eu? Se vos pedi algo que não me quereis dar, rogo pelo vosso perdão.

— De modo nenhum — disse Roland —, mas Lud...

— Lud é poeira ao vento — disse Susannah.

— Bem — disse Eddie —, não é exatamente poeira.

— Cinzas — disse Jake. — Do tipo que brilham no escuro.

Bix refletiu naquelas palavras e depois acenou devagar.

— Gostava em qualquer dos casos de ouvir a história, ou tudo aquilo que me conseguirdes contar numa hora. É o tempo que demora a fazer a travessia.

## 5

Bix eriçou-se quando se ofereceram para o ajudar nos preparativos. Era o seu trabalho, disse ele, e ainda estava em condições de o fazer — só que não tão depressa como noutros tempos, quando havia quintas e uns quantos postos de trocas dos dois lados do rio.

De qualquer modo, não havia muito para fazer. Pegou num banco e numa grande cavilha de pau-ferro e subiu ao banco para prender a cavilha ao topo do poste; depois, enganchou a cavilha no cabo. Tornou a levar o banco para dentro e regressou com uma grande manivela de metal em forma de Z. Foi pousá-la com alguma cerimónia junto de uma casita de madeira na extremidade da jangada.

— Que nenhum de vós atire isto à água; senão, nunca mais torno a casa — disse ele.

Roland pôs-se de cócoras para a analisar. Fez um aceno a Eddie e Jake, que se juntaram a ele. Apontou para as palavras gravadas na parte mais comprida do Z.

— Isto diz aquilo que eu julgo?

— Sim — disse Eddie. — North Central Positronics. Os nossos velhos camaradas.

— Quando é que arranjou isto, Bix? — perguntou Susannah.

— Há noventa anos ou mais, se tivesse de dar um palpite. Existe um sítio subterrâneo ali. — Apontou vagamente na direção do Palácio Verde. — Estende-se por quilómetros e está cheio de coisas que pertenceram ao Povo Antigo, perfeitamente conservadas. Ainda se

ouve música estranha a tocar por cima das nossas cabeças, uma música como nunca se ouviu. É do género de dar volta às ideias. E uma pessoa não se atreve a ficar ali muito tempo, senão começa-lhe a re-bentar o corpo em feridas, vomita e os dentes começam a cair. Eu fui lá uma vez. Nunca mais. Por um momento, pensei que ia morrer.

— Perdeu o cabelo, além da dentadura? — perguntou Eddie.

Bix fez um ar de surpresa, depois anuiu.

— Foi, algum, mas depois tornou a crescer. Reparem na manivela: *dá-se*, sabem?

Eddie pensou por um momento. Claro que se dá à manivela. Depois percebeu que o velhote queria dizer «d'aço».

— Preparados? — perguntou-lhes Bix. Tinha os olhos quase tão brilhantes como os de Oy. — Solto as amarras?

Eddie fez uma saudação rápida e decidida.

— Sim, capitão. Aqui vamos nós para as Ilhas do Tesouro, aí isso é que vamos.

— Venha ajudar-me com estas cordas, Roland de Gilead, vem? E Roland foi, com alegria.

## 6

A jangada deslizava devagar ao longo do cabo diagonal, empurrada pela corrente branda do rio. Saltavam peixes a toda a volta, enquanto o ka-tet de Roland falava alternadamente ao velho da cidade de Lud e do que se abatera sobre ela. Durante um bocado, Oy observou os peixes com interesse, de patas pousadas na extremidade da jangada. Depois sentou-se de novo e ficou a olhar o caminho de onde vinham, de focinho erguido.

Bix soltou um gemido quando lhe contaram como tinham abandonado a cidade condenada.

— Blaine, o Mono, diz vossemecê. Eu lembro-me. Comboio expresso. Também havia outro, mas não me lembro do nome...

— Patricia — disse Susannah.

— Ah, pois era. Umas belas laterais de vidro, isso tinha. E dizeis que toda a cidade desapareceu?

— Toda — concordou Jake.

Bix baixou a cabeça.

— Que triste.

— Pois é — disse Susannah; pegou-lhe na mão e fez-lhe uma festa leve e rápida. — O Mundo Médio é um lugar triste, embora também possa ser muito belo.

Tinham chegado a meio do rio e uma brisa ligeira, surpreendentemente morna, revolveu-lhes o cabelo. Todos tinham despido os pesados casacos, que colocaram junto a si, e estavam sentados descontraídos nas cadeiras de verga dos passageiros, que rodavam para um lado e para o outro, presumivelmente devido às vistas que tal proporcionava. Um peixe grande — provavelmente, do mesmo tipo que lhes enchera a barriga à hora da comida — saltou para a jangada e ali se deixou ficar, agitando-se aos pés de Oy. Embora geralmente ele representasse a morte para qualquer bicho que se cruzasse no seu caminho, o bumbler pareceu nem reparar. Roland deu um pontapé no peixe, lançando-o de novo à água com uma das botas gastas.

— O throcken sabe o que aí vem — fez notar Bix. Olhou para Roland. — É melhor terdes cautela, hem?

Por um instante, Roland não foi capaz de dizer nada. Uma memória nítida ao fundo da mente deslocou-se para a superfície, uma daquela dúzia de xilogravuras pintadas à mão num livro antigo e adorado. Seis bumlbers sentados numa árvore caída na floresta de baixo de uma lua em quarto crescente, todos de focinho levantado. Amara mais aquele tomo, *Contos Mágicos do Ancião*, do que qualquer outro em pequeno, ouvindo a mãe ler-lhe para o adormecer no seu quarto na torre alta, enquanto uma brisa outonal cantava a sua melodia solitária lá fora, a chamar o vento. «A Lenda do Vento» era o nome da história que acompanhava a imagem, e tinha sido ao mesmo tempo terrível e bela.

— Os deuses todos da colina — disse Roland, e bateu com o coto da mão direita aleijada na testa. — Devia ter percebido logo. Quanto mais não fosse pelo calor dos últimos dias.

— Quer dizer que não percebeu? — perguntou Bix. — E é do Mundo Interior? — Deu dois estalidos com a língua, abanando a cabeça.

— Roland? — chamou Susannah. — O que foi?

Roland ignorou-a. Desviou o olhar de Bix para Oy e de novo para Bix. — Vem aí a tormenta-mor.

Bix anuiu.

— Pois é. O throcken diz que sim e, no que toca às tormentas-mores, os throckens nunca se enganam. Para além de falarem um bocadinho, é aí que está a esperteza.

— Esperteza de quê? — perguntou Eddie.

— Ele quer dizer que é um talento que eles têm — disse Roland. — Bix, sabe de algum lugar no outro lado onde nos possamos esconder e esperar que passe?

— 'Contece que sei mesmo. — O velho apontou para os montes arborizados que caíam gentilmente para o lado mais longínquo do Whye, onde um outro cais e outra casa de barcos (esta por pintar e bem menos grandiosa) os esperava. — Haveis de encontrar do outro lado o caminho até lá à frente, um trilho estreito que dantes era uma estrada. Segue o Caminho da Luz.

— Claro que segue — disse Jake. — Todas as coisas servem a Luz.

— É isso mesmo, meu jovem, é isso mesmo. O que entendeis vós, rodas ou milhas?

— Ambas — disse Eddie —, mas, para a maior parte de nós, é melhor milhas.

— "Tá bem, então. Segui a velha estrada de Calla durante cinco milhas... talvez seis... e chegareis a uma vila deserta. A maior parte das construções é de madeira e não vos serve, mas a casa comunitária é de boa pedra. Aí, ficareis bem. Já lá estive dentro e tem uma maravilhosa lareira grande. Haveis de querer verificar a chaminé, claro está, pois haveis de querer uma boa extração dessa garganta durante o dia ou dois em que tereis de lá ficar. Quanto à lenha, podeis usar o que sobra das casas.

— O que é essa tormenta-mor? — perguntou Susannah. — É uma tempestade?

— É — disse Roland. — Há muitos, muitos anos que não vejo uma. É uma sorte termos o Oy connosco. Mesmo assim, eu não teria percebido se não fosse o Bix. — Afagou o ombro do velho.

— Obrigado. Todos nós agradecemos.

## 7

A casa dos barcos do lado sudeste do rio estava à beira do colapso, à semelhança de tantas coisas no Mundo Médio; os morcegos empoleiravam-se nas vigas de cabeça para baixo e havia aranhas gordas a correr pelas paredes acima. Todos se sentiam bem por estar do lado de fora daquilo, sob o céu aberto. Bix amarrou a jangada e juntou-se a eles. Todos o abraçaram à vez, com o cuidado de não o apertarem de mais e lhe magoarem os ossos velhos.

Quando já todos o tinham abraçado, o velho limpou os olhos, depois dobrou-se e fez uma festa na cabeça de Oy.

— Toma conta deles, faz isso, senhor Throcken.

— Oy! — respondeu o bumbler. E depois: — Bix!

O velho endireitou-se, e todos ouviram uma vez mais os seus ossos estalarem. Levou as mãos ao fundo das costas e estremeceu.

— Vai conseguir fazer bem a travessia de regresso? — perguntou Eddie.

— Ah, sim — disse Bix. — Se fosse primavera, poderia não conseguir: o Whye não é assim tão plácido quando a neve derrete e chegam as chuvas. Mas agora? Canja. A tempestade ainda está a alguma distância. Dou um bocadinho à manivela contra a corrente, depois prendo bem a cavilha para poder descansar sem deslizar para trás e depois dou mais à manivela. Posso demorar quatro horas em vez de uma, mas lá chegarei. Sempre cheguei, em todo o caso. Oxalá tivesse mais comida para vos dar.

— Nós ficamos bem — disse Roland.

— Então, ótimo. Ótimo.

O velhote parecia relutante em ir-se embora. Olhou de um rosto para outro, seriamente, e depois abriu um sorriso, revelando as gengivas sem dentes.